

O DISCURSO DA MULHER ENQUANTO ALUNA E PROFISSIONAL DA ÁREA DA GEOLOGIA

Maria Iolanda da Silva ¹
Narla Sathler Musse de Oliveira ²

RESUMO

A pesquisa apresenta uma perspectiva sobre o perfil de algumas mulheres que cursam ou já concluíram o curso de geologia. O trabalho realizado com as alunas em formação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e com mulheres formadas na área de geologia através de uma ferramenta de pesquisa online, tornou possível apontar dados sobre as dificuldades encontradas por elas durante sua formação no curso e no mercado de trabalho. Na busca de evidenciar essa problemática, uma pesquisa tornou possível recolher dados a partir de uma coleta bibliográfica onde se constata a luta das mulheres para obter espaços e cargos majoritariamente masculinos, como também o processo de acesso das mulheres no curso de geologia no estado do RN. A pesquisa apresenta em sua discussão proposições que fundamentam o trabalho, elementos gerados como gráficos e tabelas apresentam informações que fundamentam a pesquisa. Por fim a pesquisa resulta em relatar sobre as perspectivas dessas mulheres sobre o curso de geologia, a fim de promover na sociedade e em espaços acadêmicos uma reflexão a respeito da presença das mulheres na área da geociência.

Palavras-chave: Desafios, Geociência, Gênero

INTRODUÇÃO

O discurso da mulher na área da geologia tornou-se o principal objeto de pesquisa, tomando como base as poucas geólogas que atuam em Institutos e Universidades no estado do Rio Grande do Norte. Sendo assim avançaremos com o intuito de ressaltar o discurso da mulher em quanto aluna e profissional da área da geologia.

O curso de Geologia no estado do Rio Grande do Norte se iniciou no ano de 1976 em um museu, mas logo se mudou para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A primeira turma do curso foi concluída no ano de 1982 (Agecom, 2016) sendo composta por 13 pessoas, todas do sexo masculino. Já no ano seguinte 5 alunos concluíram o curso entre eles a primeira mulher a se formar em geologia no estado (UFRN, 2019) nos primeiros anos nota-se que a presença das mulheres no curso era mínima, mesmo tendo atualmente um aumento gradativo muitos progressos precisam ser feitos para que sua formação seja garantida.

O acesso às escolas e universidades foi uma das maiores conquistas para as mulheres, visto que o trabalho doméstico continua sendo uma atribuição na maioria

¹ Técnica em formação de Geologia – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte- IFRN Natal Central, mariaiolanda1906@outlook.com;

² Professora orientadora: Geóloga, Dra. em Educação, narla.musse@ifrn.edu.br

das vezes somente para mulher segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2019). Dessa forma é notório perceber que quando não existe condições necessárias para o avanço científico das mulheres, a sociedade acaba por desperdiçar a atuação e contribuição intelectual destas que representam 51% da população brasileira (IBGE,2018).

Os resultados obtidos dessa pesquisa apontam a necessidade de se expandir projetos, bolsas de extensão e estágios na área da geociência, como também fornecer condições necessárias para que elas permaneçam em salas de aulas e no mercado de trabalho.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho fez-se necessário criar estratégias visando recolher o máximo de informação possível através de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Nesta instituição foram coletados documentos contendo dados sobre as primeiras turmas formadas em Geologia pela UFRN, entre 1976 e 1981, que foram matriculadas no curso de Geologia e que ainda apresentavam registros (Muitos dados foram perdidos ao longo do tempo pelo setor de registros da UFRN).

Além disso, foi feito uso de um questionário online com 11 perguntas, objetivas e subjetivas para as alunas da UFRN, como também para professoras e profissionais da área da Geologia sendo para estas 17 perguntas. A escolha das pessoas foi feita aleatoriamente, visando apenas disponibilidade que cada uma teve de responder a entrevista e obedecerem como requisito obrigatório serem mulheres, cisgêneros ou transsexuais. A ferramenta citada acima foi escolhida por se tratar de um meio prático, garantindo assim o acesso mais rápido às pessoas que se encontravam em longas distâncias ou que devido à ausência de tempo não poderia participar de um encontro presencial.

DESENVOLVIMENTO

A partir do período neolítico se iniciou a divisão sexual do trabalho, em que as mulheres eram destinadas a agricultura e o homem era destinado a caça, (MILES, 2016) porém, nessa época não havia a visão de superioridade entre os gêneros. Essa concepção de sociedade mudou e os papéis de gêneros começaram a ser impostos aos

indivíduos, se tornando inexistente a igualdade entre homens e mulheres, de modo com que as mesmas foram consideradas inferiores. De acordo com Steinem (1997), as diferenças entre indivíduos na maioria das vezes, eram justificadas pela distinção física como afirma em seu livro *Memórias da Transgressão: momentos da história da mulher no século XX*.

É nesse contexto de discriminação que surge o feminismo, um movimento de mulheres que se uniram com o objetivo de fazer suas pautas das fossem ouvidas e que a luta contra o machismo fosse, de fato, praticada.

Inicialmente, a maioria das mulheres, protagonistas desta luta, eram pessoas da classe média alta que frequentavam escolas e tinham uma educação formalizada, pois faziam parte das famílias burguesas. Essa condição fez com que elas desenvolvessem um pensamento crítico e intelectual.

Inicialmente, a maioria das mulheres, protagonistas desta luta, eram pessoas da classe média alta que frequentavam escolas e tinham uma educação formalizada, pois faziam parte das famílias burguesas (Carvalho,. Essa condição fez com que elas desenvolvessem um pensamento crítico e intelectual, vale salientar que mesmo durante o período escravocrata existiam a luta das mulheres negras contra o racismo (FRANCHINI,2017).

O movimento feminista começou a ser consolidado no período da Revolução Francesa (1789 – 1799) em meio as ideias iluministas que eram propagadas(SOUSA,GONÇALVES,2019). As transformações políticas e econômicas começaram a acontecer, as mulheres viram que não poderiam ficar à mercê da sociedade e dos homens e foram à luta que não era apenas pelos direitos políticos, nada justos, mas também pelos direitos sociais (OLIVEIRA; CASSAB,2014). Em 1790 a escritora britânica Mary Wollstonecraft publicou a obra *A Vindication of the Rights of Woman* (Uma Defesa dos Direitos da Mulher), na qual defendia os direitos das mulheres, inclusive os trabalhistas, como direito à maternidade.

Nessa mesma linha de raciocínio, a escritora Dionísia Gonçalves Pinto que adotou o nome de Nísia floresta (1810 – 1885) nascida em Papary (hoje nomeada Nísia Floresta) no Rio Grande do Norte, foi uma das primeiras mulheres a publicar textos em jornais brasileiros e fundou o Colégio Augusto para meninas no Rio de Janeiro que funcionou no período de 1838 a 1855 (SOUZA, 2011). Nísia Floresta, teve um papel

importante para o feminismo no Brasil, em suas obras *Direitos das mulheres e injustiça aos homens*, inspirado no livro de Mary Wollstonecraft e *Conselho a minha filha*, a brasileira traz o seu pensamento sobre o papel da mulher na sociedade como também sobre seus direitos.

Macêdo e Duarte (2013, p. 38), destacam a relevância do pensamento da escritora para o cenário da época. Segundo eles

[...] Nísia defende a tese de que o progresso de uma sociedade depende da educação oferecida à mulher, e que só a instrução, aliada à educação moral, dar-lhe-ia maior dignidade e faria dela melhor esposa e melhor mãe. Esses, aliás, eram precisamente os objetivos da educação das meninas: torna-las conscientes de seus deveres e papéis sociais.

Vale salientar que no Brasil, muitas mulheres participaram de forma ativa contra a ditadura, mas o movimento feminista começou se fortalecer mais ainda na luta para o direito ao voto (SODRÉ,2018). Em Mossoró, no Rio Grande do Norte, esse direito foi garantido às mulheres e teve como protagonista Celina Guimarães, a primeira mulher eleitora no Brasil (BARANOV,2014). Em Lajes, também no RN, em 1928 Alzira Soriano foi eleita, se tornando a primeira mulher prefeita na América Latina (BARANOV, 2018), o que faz do Rio Grande do Norte, um estado de destaque na atuação das mulheres na vida política e como protagonista nas decisões e rumos de suas próprias vidas.

Nesta mesma época, no Brasil, um grande número de mulheres não tinha direito aos estudos, tendo em vista que havia o entendimento de que deveriam ser preparadas e educadas para os afazeres domésticos. Dessa forma, com a mobilização das mulheres iniciava-se um enfrentamento ainda maior para que não apenas ao direito ao voto fosse concedido, como também o direito a educação e a escolha de suas profissões (MENDES; VAZ; CARVALHO,2015).

Nesse sentido, a francesa feminista Simone de Beauvoir em seu livro denominado de *Segundo Sexo* cita que “O homem é definido como ser humano e a mulher é definida como fêmea. Quando ela se comporta como um ser humano ela é acusada de imitar o macho” (BEAUVOIR, 1949). Na época, essas ideias revolucionaram e foram fundamentais para o fortalecimento do movimento feminista no mundo todo.

Decorrente de tantas opressões, as mulheres se mostraram cada vez mais fortes e resistentes e perceberam a importância do movimento feminista para a formação de uma sociedade igualitária, em que todos devem e precisam ter os mesmos direitos sociais e jurídicos.

De acordo com a Constituição Federal de 1988 no Art. 5º “toda sociedade tem direitos iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. (BRASIL, 1988). Mesmo diante disso, os direitos dos homens e das mulheres continuam sendo tratados de maneira desigual.

Observamos que vivemos em uma sociedade ainda pautada nos moldes do patriarcado, considerando a mulher como um “sexo frágil”, um ser inferior ao homem. Isso pode ser visto, ainda hoje, nas diferenças dos salários e na vinculação da mulher a empregos domésticos, como diaristas e babás. Na área da educação, observamos um maior protagonismo na pedagogia, cuja compreensão da sociedade pode estar atrelada a condição de ver a mulher como cuidadora de crianças, enquanto que os homens, desde cedo, são incentivados a buscarem por área voltada a tecnologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

MOTIVOS PARA ESCOLHA DO CURSO

A pesquisa realizada com as alunas com idade entre 18 a 28 anos e com profissionais atuante na área com faixa etária de 30 a 57 anos, nos direcionou a compreender tamanhas dificuldades enfrentadas por elas. Ao serem questionadas sobre a escolha do curso a informação obtida pelo questionário realizado com alunas e profissionais da área da geologia foi a respeito das experiências de seus familiares, como também a curiosidade em relação aos acontecimentos do seu dia a dia relacionado ao curso de geologia, além de alguns relatos sobre vivências nos cursos técnicos do Instituto Federal do Rio Grande do Norte.

FALTA DE PESQUISADORAS

Nas áreas das geociências sempre houve uma predominância masculina na geologia do Rio Grande do Norte não foi diferente, dados fornecidos pela UFRN mostram que nos primeiros anos do curso de geologia no estado a presença de mulheres era quase inexistente, conforme a representação da tabela número 1, uma das possíveis consequências disso é a falta de mulheres realizando pesquisas na área.

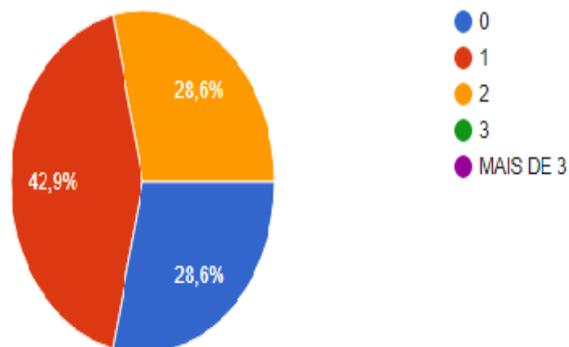
TABELA 1 – Dados fornecidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Relação do número de alunas referente aos 4 primeiros anos do curso de geologia	ANO DE INGRESSO
1 aluna	1977
3 alunas	1979
1 aluna	1980.1
4 alunas	1981.1

Por se tratar de uma área onde as mulheres são consideradas inferiores em termos físicos e intelectual a discriminação contra elas surge quando decidem entrar para o curso, muitas são as barreiras enfrentadas para atuarem na área. Na pesquisa realizada com as profissionais, 4 a cada 7 mulheres responderam que o preconceito atrelado a elas está muitas vezes ligadas a dupla jornada que possuem, dentre as funções de geóloga, afazeres domésticos e a maternidade, esses tornaram-se motivos para obrigalas a desistirem do curso ou até mesmo para continuarem no trabalho.

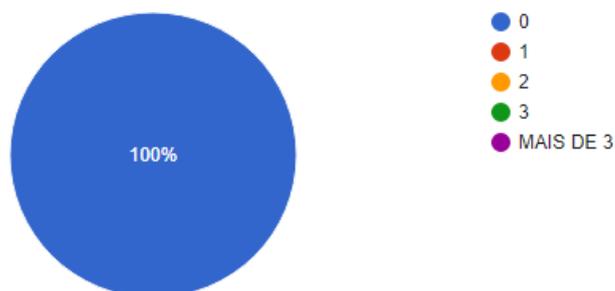
A presença feminina em cargos de gerencia ao longo dos últimos 4 anos vem decrescendo como aponta os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) cerca de 38,7 das mulheres ocupam cargos de gerencia no Brasil, para as mulheres negras esse número chega a ser ainda menor 0,4% possuem cargos como o de executivos segundo dados do Instituto Ethos em 2016, tais expressões negativas afeta na ascensão da mulher no mercado de trabalho. Os gráficos a seguir apresentam dados relacionados a pesquisa quando questionado sobre a quantidades de mulheres que estariam em cargos superiores em relação as profissionais que atuam na área.

Gráfico 1 Número de mulheres na área da geociência em posição de gereência que as entrevistadas tiveram durante a carreira profissional.



Fonte: Primária

Gráfico 2 Número de mulheres negras em posição de de gereência que as entrevistadas tiveram durante a carreira profissional.



Fonte: Primária

BOLSAS DE PESQUISA E EXTENSÃO

A falta de oportunidades em pesquisas e bolsas de extensão se tornou uma desmotivação para as entrevistadas cursarem geologia. A discriminação surge muitas vezes por parte dos professores tornando o percurso acadêmico ainda mais difícil, visto que muitas vezes o incentivo necessário por partes deles não ocorre.

As vagas para estágios em sua maioria são destinadas para homens, conforme descrito na pesquisa, o preconceito por serem mulheres ainda é um dos fatores que impede as mesmas de conseguirem ter uma experiência além da sala de aula e com isso

atuarem como pesquisadora na geologia, desta forma percebe-se que os conhecimentos intelectuais das mulheres muitas vezes são descartados por justificativas preconceituosas.

DISCRIMINAÇÃO CONTRA O GÊNERO FEMININO

As dificuldades enfrentadas pelas mulheres durante o curso de geologia são inúmeras, ao serem questionadas a respeito da discriminação contra elas a resposta obtida em unanimidade foi de terem passado por situações desconfortáveis. A intolerância por parte de colegas no ambiente de trabalho e professores foi relatado entre as entrevistadas onde 3 em cada 7 responderam terem sofrido algumas importunação como assédio, além de escutarem de professores e colegas comentários machistas e sexistas.

Em aulas de campo que normalmente são realizadas fora das instituições e faculdades, é onde se tem maiores relatos de de discriminação, segundo as alunas as menções feitas por proferes são que elas não seriam inábeis para conseguir participar da aula, ja que em muitos momentos se exige um intenso esforço físico, deste modo percebe-se que muitos avanços dentro das instituições de ensino precisam ser feitos, na garantia de que estas mulheres não tenham que enfrentar inúmeras barreiras para garantir o seu acesso ao espaço acadêmico, como também ao mercado de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possuiu como eixo temático relatar as dificuldades que são encontradas pelas alunas do curso de geologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e profissionais da área para terem sua formação.

Levando em consideração esses aspectos, é preciso que haja equidade de gênero, classe e racial, para que desta forma, todos possam participar e intervir nas decisões direcionadas a sociedade. Percebe-se também que a luta das mulheres deve se manter constante para que os espaços, as necessidades e os direitos não sejam violados. Com isso, é visto a necessidade de que as mulheres tenham voz ativa nos ambientes em que elas fazem parte, para assim serem contempladas, construindo um ambiente onde os direitos previstos na constituição sejam respeitados e todos possam ter atribuições iguais.

REFERÊNCIAS

AGECOM (Org.). **Curso de geologia da UFRN completa 40 anos de atuação acadêmica:** O curso, reconhecido em 1982, após a formação da primeira turma, tem muitas histórias para contar. 2015. Disponível em: <<http://agorarn.com.br/cidades/curso-de-geologia-da-ufrn-completa-40-anos-de-atuacao-academica/>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

ALEXANDRE, Tomaz (Org.). **A HISTÓRIA DA GEOLOGIA NO BRASIL.** 2011. Disponível em: <<https://geologiaterra.blogspot.com/2011/10/historia-da-geologia-no-brasil.html>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

ASCONQUISTAS DA MULHER BRASILEIRA NA CIÊNCIA. 2014. Disponível em: <<http://www.abc.org.br/2014/03/21/as-conquistas-da-mulher-brasileira-na-ciencia/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BARANOV, Tamára. **A conquista do voto feminino, em 1932.** 2014. Disponível em: <jornalggn.com.br/historia/a-conquista-do-voto-feminino-em-1932/>. Acesso em: 26 mar. 2018.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo** – a experiência vivida; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BITTENCOURT, Naiara Andreoli. **AS “ONDAS” DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS E O EUROCENTRISMO DA HISTÓRIA.** Movimentos Feministas, Brasília, p.198-210, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/viewFile/16758/11894>>. Acesso em: 10 out. 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília: Congresso Nacional, 2013,

CASTRO, Luciana Martins. **A CONTRIBUIÇÃO DE NÍSIA FLORESTA PARA A EDUCAÇÃO FEMININA:** pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista. **Outros Tempos,** Rio de Janeiro, v. 7, p.237-256, out. 2010. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/artigos%20em%20pdf/Luciana_Martins.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2018.

CONHEÇA a jornada de Sylvia Anjos, uma geóloga apaixonada pelo que faz. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/petrobras/conhe%C3%A7a-a-jornada-de-sylvia-dos-anjos-uma-ge%C3%B3loga-apaixonada-pelo-que-faz-ff35d30b2271>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

CONHEÇA o Brasil - População QUANTIDADE DE HOMENS E MULHERES. 2018. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>>. Acesso em: 30 maio 2019.

DUARTE, Constância Lima; CUNHA, Diva. **Literatura do Rio Grande do Norte:** antologia – 2º ed. – Natal/RN. Jovens Escribas, 2013.

MENDES, Raiana Siqueira; VAZ, Bruna Josefa de Oliveira; CARVALHO, Amasa Ferreira. O MOVIMENTO FEMINISTA E A LUTA PELO EMPODERAMENTO DA MULHER. **Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas**, Paraíba, p.88-99, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ged/article/viewFile/25106/14464%3E>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Mulheres dedicam mais horas aos afazeres domésticos e cuidado de pessoas, mesmo em situações ocupacionais iguais a dos homens. 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24266-mulheres-dedicam-mais-horas-aos-afazeres-domesticos-e-cuidado-de-pessoas-mesmo-em-situacoes-ocupacionais-iguais-a-dos-homens>>. Acesso em: 30 maio 2019.

NEVES, Daniel; SOUSA, Rainer. **Feminismo no Brasil**. 2019. Disponível em: <<https://brasile scola.uol.com.br/historiab/feminismo.htm>>. Acesso em: 9 nov. 2019.

OLIVEIRA, Laís Paula Rodrigues de; CASSAB, Latif Antonia. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, Londrina, p.01-07, 29 maio 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_La%C3%ADs%20Paula%20Rodrigues%20de%20Oliveira%20e%20Latif%20Cassab.pdf>. Acesso em: 08 out. 2018.

SOUZA, Rejane de. **NÍSIA FLORESTA IMPLANTOU O PRIMEIRO COLÉGIO PARA MENINAS NO RIO DE JANEIRO IMPERIAL**. 2011. Disponível em: <<http://www.nisiadigital.com.br/2011/10/nsia-floresta-implantou-o-primeiro-colgio-para-meninas-no-rio-de-janeiro-imperial.html>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

SODRÉ, Mônica. **A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA POLÍTICA NO BRASIL: O DIREITO DE VOTAR, DE SERMOS REPRESENTADAS, E DE PARTICIPAR DA TOMADA DE DECISÃO**. 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/legis-ativo/a-participacao-das-mulheres-na-politica-no-brasil-o-direito-de-votar-de-sermos-representadas-e-de-participar-da-tomada-de-decisao/>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

STEINEM, Gloria. **Memórias da transgressão: momentos da história da mulher do século XX**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.